

450.

Para o Manuel Vieira de Cruz,
este livro antigo, com
~~mta amizade~~ e um
abrap
de com-
panheiro

**A MOEDA
O HOMEM
E DEUS**

(PRIMEIRO LIVRO DE HUMANISMO CRISTÃO)

gost

Ag. 2002

João Vitorino

HENRIQUE BARRILARO RUAS

A M O E D A
O H O M E M
E D E U S

CIDADE NOVA

1957

A

- FERNANDO AMADO

7

Este pequeno livro (o leitor o entenderá) não foi escrito de um jacto. Não nasceu num daqueles momentos privilegiados em que o homem vê diante de si o livro que vai escrever. Ao contrário, a certa altura da vida, encontrei-me com o livro que quase tinha escrito... E é esse livro, construído ao longo de mais de dez anos, que hoje te entrego, leitor.

Tens aqui, para ler e discutir, alguma coisa que me pertence muito. Creio que qualquer livro é sempre mais ou menos auto-biográfico... Este, que não diz uma palavra de quem o escreveu, são os anos que na minha vida vão, mais coisa menos coisa, dos vinte aos trinta. Já me sinto a olhar para trás quando o considero... E não posso deixar de notar que ele representa na minha vida uma fase que, agora, tomando-a em globo, se me apresenta com características próprias.

Sendo uma fase em que me foi dado reflectir bastante sobre os problemas humanos, não há dúvida de que essa reflexão se situa num plano mais pré-filosófico que propriamente filosófico. A atitude que me foi própria durante esses anos está hoje, para mim, marcada com os sinais da «ingenuidade». Não o digo como quem quer destruir ou apagar o que foi, anos a fio, uma atitude de alma. Seria preciso, para isso, partir do princípio de que a única forma legítima do reflectir é, para o homem, a Filosofia. Numa época em que, pelo contrário, o conceito e o valor da Filosofia cada vez mais parecem dissolver-se num todo cujos confins são os do Humanismo, nem terá talvez sentido ou interesse que eu faça aqui esta distinção. E no entanto, a mim próprio e aos que me lerem julgo eu dever explicar, não como quem se des-

culpa mas como quem a si mesmo se esclarece, qual é o carácter destas páginas.

Nelas, vai o pensamento correndo a partir, e portanto à custa, de certos principios cuja verdade não se discute. Um pouco à maneira de Santo Anselmo, também aqui se encontrará «fides quaerens intellectum». Sim: foi a Fé que procurou e me guiou... E nunca a liberdade do meu espirito se sentiu mutilada ou prisioneira. Mais propriamente do que a não que conduz, ela foi para mim a iluminação que permitiu que eu fizesse pelo meu pé o meu caminho.

Quando digo, portanto, que este volume corresponde a uma fase ingénua da minha vida mental, quero dizer que, durante essa fase, os problemas não se me afiguravam com aquela expressão e agudeza polémica que a experiência intelectual e social haviam de trazer depois. Por isso mesmo, com risco de afugentar, eu chamei a este livro o meu primeiro livro de Humanismo Cristão. Primeiro, porque nele já está contida a promessa e exigência do segundo... Um segundo livro em que o Humanismo Cristão ressalte de um mundo de coisas contraditórias, quase um caos de apaixonada dialéctica...

Por agora, aquilo que aqui compendiei tem o tom das certezas tranquilas. E não está na minha intenção fugir ao tumulto das teorias, das dúvidas, dos anseios que sabem a sangue e são, no momento que vivemos, quase o modo de ser do Homem. Escrito numa atitude de quase alheamento a toda essa febre da humana condição, nem eu sei se este livro terá o condão de despertar, naqueles que mergulham na vida contemporânea, algum eco, alguma resposta interior. Se o lanço a público é na doce esperança de

que ele possa modestamente servir de guia àqueles para quem o Homem e a Vida conservem ainda uma feição de algum modo pacífica. E também — porque não? — com o intuito de dar testemunho: de mim próprio (se sempre uma experiência humana pode interessar a quem é humano), e daquele mundo de realidades que se me foram comunicando.

... ..
Vieram a reunir-se neste livro ensaios, pequenos estudos ou simples artigos quase de ocasião, todos eles dominados pelo tema do Homem. Sem ter a pretensão de ensinar nada de novo, penso que não deixa de haver nestes escritos uma certa atitude pessoal. Até porque, como atrás se disse, este livro corresponde a um período de espontaneidade, não são muitas as influências que nele se podem manifestar. Algumas, porém, foram decisivas.

E em primeiro lugar não posso deixar de trazer para aqui o nome, para mim venerando, do filósofo da Hierarquia: Dionísio Areopagita. Da fecundidade inesgotável da teoria hierárquica pouco se tem aproveitado, apesar da larga influência dionisiana na Teologia cristã — mas na Teologia Mística. Por falta de visão hierárquica, esgotam-se e consomem-se os pensadores cristãos e não cristãos na adesão sistemática e estenuante a uma ideia de sentido único. Nos tempos modernos tornou-se essa tendência bem patente no campo político e no económico, dominados por aquilo a que se chama ideologia.

Creio que nada há de mais inimigo da verdade do que uma ideologia. Nela e por ela vai o homem reduzir a infinita riqueza da criação divina a um pormenor totalizado,

que passa a exercer para os olhos humanos a sombria função de nuvem. Mais ainda: a ideologia não é apenas negadora ou obnubiladora da Verdade. É inimiga do Homem. Abandonada a si mesma, toda a ideia é homicida; mesmo a ideia de Homem. A história contemporânea todos os dias desdobra e confirma esta verdade.

Por grande felicidade minha, aquilo que a Filosofia me ofereceu de mais importante fui também encontrá-lo, embora com diversa expressão, no pensamento político que, desde a muito verde mocidade, adoptei como meu. Num tempo carecido da intuição do equilíbrio e da síntese, a clara lição do Integralismo Lusitano, por sobre muita coisa acidental e provisória, apareceu a meus olhos como uma construção definitiva.

Longe de mim negar que também o Integralismo, na sua forma histórica, contém muito de acidental e provisório. Mas a sua raiz espiritual, o seu método e o seu intuito participam do transcendente.

Não trato aqui de saber quais as fontes do próprio Integralismo. Mas não devo esconder que no meu espírito a sua influência se completou ou esclareceu com as de um Chesterton e um Charles Maurras.

Não é minha intenção dedicar aqui ao pensador francês qualquer página de estudo; mas seja-me permitido exprimir, de passagem, a minha alegria (a palavra não é demasiada) por ver cumprido, na carreira de Maurras, como que o ciclo dramático do Homem caminhando para Deus.

Há na conversão de Maurras não apenas o «indício de oiro» da presença de Deus (o que é sempre razão bastante de alegria cristã) mas também alguma coisa de singular

algo como a vitória improvável e dolorosa de um homem que acreditou na humanidade. Dir-se-á que Deus quis reconhecer o valor transcendente daquilo que é, no Homem, a Sua imagem e semelhança. Sem em nada dispensar o milagre da graça, a conversão deste homem pode no entanto valer como uma prova, ou pelo menos um indício, da verdade de uma lei que, ao longo destas páginas, eu procurei... não direi demonstrar, mas defender.

Refiro-me à concepção de um humanismo mais indutivo que dedutivo, um humanismo em que tudo quanto é humano, em sua variedade ontológica e axiológica, se ordena do inferior para o superior; um humanismo definido pelo anseio do Homem buscando transcender-se para se realizar. Nesse movimento ascensional e progressivo está afinal o testemunho daquele Absoluto transcendente que em toda a Criação ecoa e se reflecte. Mas o carácter pessoal do Homem fá-lo ser ele próprio fonte e princípio (embora relativos) da sua própria caminhada. Muito fundo caiu o Homem, e a sua dignidade, pela culpa original. Mas, perdidos embora todos os dons sobrenaturais e preter-naturais, muito de divino resta ainda na pobre natureza humana. Esse divino está sempre clamando por Deus. E, embora só a Deus pertença, pela Sua graça, fazer triunfar a aspiração humana, não é menos certo que essa aspiração, no que tem de natural, é independente e anterior à própria graça divina e que é a ela, como realidade em si, que o Criador e Pai dá o triunfo.

Completamente vãs seriam estas reflexões, se com elas se pretendesse expor alguma novidade teológica. Nada porém aqui se defendeu ou defenderá, em tais matérias, que não

pertença à doutrina da Igreja. Quis eu apenas recorrer a esta doutrina para que me iluminasse o complexo domínio do Humanismo e nele fizesse realçar o íntimo processo pelo qual as três ordens humanas se hierarquizam.

Defender que a Economia se ordena à Política e esta à Religião não parece ser a única posição possível para um católico. Ao menos o que tenho encontrado, quase sempre, como atitude espontânea de quem procura pensar catolicamente, é exactamente o oposto.

Tem sido sempre, e cada vez mais, minha preocupação mudar o sentido da relação Religião-Política, para defender que não é da Religião que se pode deduzir uma Política; antes a verdadeira Política há-de conduzir os homens ao plano religioso, embora, está bem de ver, da religião natural.

É portanto com plena e aberta liberdade que entendo poder eu, católico e monárquico, dirigir-me a ti, católico e republicano, porque não ousarei fazer das verdades religiosas, naturais ou sobrenaturais, uma questão política. É em termos políticos que julgo deve ser tratada a problemática política; não em termos religiosos.

Não basta isto para esgotar, nem mesmo quanto em mim cabe, o problema das relações humanísticas entre a Religião e a Política. Nas páginas que vão seguir-se várias vezes se tocará neste problema, e até com insistência que terá seu quê de impertinente.

Muito longe dos problemas da Economia, mal esboçarei, ao longo deste livro, a questão das suas relações com a Política. Julgo, no entanto, que também não é indiferente, quer do ponto de vista económico, quer do ponto de vista político, tomar a posição que tomei, ou a que se lhe opõe.

I

Religião e Cultura